

O tipo a que chamam de intelectual, o escritor, de romancista, de filósofo, o homem de letras, de ensaísta e que, andando, é a espécie de gente mais inútil e nociva deste mundo. Se morressem todos ao mesmo tempo não fariam falta, ninguém se impressionaria com isso. Se a humanidade sentisse seu desaparecimento, seria para melhor, para maior felicidade, para mais saúde. Ficaria livre da pior classe de vagabundos e de parasitas, que vivem da exploração das idéas e das emoções de outros pobres diabos ainda não contaminados. Talvez que só os editores e os livreiros notassem a ausência dos consumidores de tinta e bobinas de papel. Sem a praga e com mais equilíbrio neste planeta, começariam por certo a trabalhar. Deixariam de ser sem-trabalho e se entregariam religiosamente às penitências de esquecimento e remissão de um passado tão indigno e vergonhoso.

Não ha espetáculo mais ridículo e deprimente do que uma roda de intelectuais. Lá estão eles, no fundo da livraria. É um romancista, um poeta, um pensador e um crítico. Conversam sobre outros intelectuais, seus irmãos. Comentam tudo, sabem tudo, leram tudo. Em francês, em alemão. Parece balestra de gente educada, porque fazem baixo e com decencia, mas não é. É, antes, concurso, concorrência corrida. Ha "sweepstake", "handicap", com ou sem obstáculos. Eles não conversam; discutem, apostam. Um quer mostrar que sabe mais do que o outro, que tem mais talento, mais cultura, mais erudição. E tudo isso é feito com tanto cortezia, com tamanha polidez que chega a confundir. O homem da rua duvida dos seus olhos, ou dos seus ouvidos. Já não sabe o que vê, nem o que ouve. Em uma palavra: é enganado, sente-se iludido. Ai vai um exem-

plo de todas as horas e de todos os lugares: um crítico — que espécie de bicho é esse? inseto ou quadrupede? — falou mal de um ensaísta afamado na sua seção hebdomadaria de um jornal qualquer, disse desafôro, chamou o desafeto de fracassado, de pouco inteligente, de analfabeto. Nada autorizava esperar esse artigo, até então os dois eram amigos, faziam parte da mesma roda, do mesmo grupo de café. No dia seguinte ao do artigo, numa segunda-feira, o crítico foi á tal livraria dos encontros literarios. A fina-flor dos literatos — todos legitimos valores, de renome nacional, chefes de verdadeiros escritorios de publicidade — lá estava a postos. Houve cumprimentos, sorrisos com as boas vindas de praxe. E a conversa retomou o fio perdido. De repente, surgiu o ensaísta na porta da livraria. Um homenzinho da rua, que os conhecia de vista e que tinha lido o artigo da vespera, vibrou de satisfação e pregozou o desencadear da catástrofe iminente. Tomou posição ao lado da vitrine para assistir melhor o desenrolar da luta dos dois grandes intelectuais. Um se dirigia para o outro, andava apressado, tudo indicava um desagravo violento. Ao abrir e fechar de olhos, toda a cena mudou. O pobre homem da rua não compreendeu, duvidou dos seus olhos: na sua frente, estavam os dois supostos contendores abraçados, mimoseando-se com palmadinhas, diplomaticas nas costas um do outro. Riam-se gostosamente, mostravam os 32 dentes, e só faltavam se beijar. Todos riram, o ensaísta cumprimentou-os e a conversa recomeçou mais intensa e brilhante. Sómente o ingenuo e sincero homem da rua é que não compreendeu. Continuou o seu caminho, falando sozinho e gesticulando para fantasmas que ninguém via...

O INTELLECTUAL

De EVARISTO DE MORAES FILHO

(Especial para DOM CASMURRO)

Se Salomão ainda vivesse hoje, teria de escrever um capítulo completo no seu Ecclesiastes sobre a vaidade do intelectual. O intelectual é um doente, mas não no bom sentido que lhe deu Nietzsche ao dizer que só os doentes pensam. Como os criminosos, ele é esquisofrenicamente vaidoso. Vive em mundos irrealis de fantasia e de sonho, imagina-se genio, tipo singular, marcador de épocas. De noite, solitário no seu gabinete, e cercado de enormes coletaneas de todos os generos literarios, o intelectual treme embriagado de alegria pela surpresa que irá causar a outros intelectuais com a publicação do seu proximo livro. As francesas, as cocotes, os macacos muito teriam de aprender com o intelectual em materia de vaidade, de narcisismo, de "maquillage". O intelectual é tão sensível como a adolescente sonhadora do interior que veste o seu melhor vestido de domingo para saber-se admirada pelo seu pretendente. O escritor é tão anormal e ainda mais perigoso do que os loucos, que vivem longe da sociedade, fechados a sete chaves. Sua esquisofrenia é tão declarada que ele se tem como centro do mundo, como capaz de erguel-o, mesmo sem alavanca nem ponto de apoio. Existiu aqui no Rio um certo intelectual que se dizia com forças de fecundar a America, a que alguém insinuou-lhe uma viagem á Europa...

Em cada novo livro publicado por um outro escrevinhador qualquer, o intelectual vislumbra um desafio que lhe fazem. Sente o complexo de inferioridade moder-lhe por dentro, não póde deixar de revidar a ofensa, tem de responder com outro livro. E assim vivem eles, de complexo a complexo, de angustia a angustia, de publicação a publicação. Por mais que se procure disfarçar ou negar esses motivos secretos da produção, não se consegue convencer ninguem da sua inexistencia. A historia teologica, filosofica, literaria, científica, artistica, está cheia de exemplos de grandes contemporaneos inimigos e que viveram nunca vigilancia permanente das produções mu'tuas. Chegam a ter mania de perseguição, de suicidio, loucura maníaco-depressiva, crises nevroticas, hipochondriacas. Dão para falar mal um do outro, e assim por diante. Basta para comproval-o lembrar alguns casos passados, em que os contendores lutavam abertamente pelo melhor lugar na direção do seu tempo e da posteridade. Os exemplos são muitos, mas o interessante é que os supostos inimigos são adeptos do mesmo ponto de vista, ou pelo menos não divergem entre si fundamentalmente. Na igreja, esta emulação é muito comum, como tão bem simbolisa a lenda medieval de S. Bohemundo, Santo Agostinho e Santo Ambrosio, os dois maiores teologos do século quinto, nunca se deram bem. **Diz Prosper Alfaric, no maior livro**

que já se escreveu sobre aquele Santo, que houve muita reserva na relação dos dois místicos. Papini é mais incisivo. Com a mesma franqueza que insinuou pederastia ativa em Santo Agostinho, ele deixa bem claro o es-pirito de concurrencia, que sempre existiu entre ambos. A tal ponto, de Santo Ambrosio não fazer nenhuma referencia ao nome de Santo Agostinho, em toda sua obra, nem mesmo depois deste ultimo ter sido elevado á categoria de bispo. Interroga Papini: "Porque razão esses dois santos, que com justa razão se fez congregou no primeiro quadrunário de seus doutores, foram contido, como que estranhos um para o outro?"

Tambem entre S. Francisco de Assis e Inocencio II surgiram desintelligencias e lutas. Mas aqui por outros motivos, que não intellectuais. Leibniz e Newton foram outros que viveram em injustiças mu'tuas e polemicas. Como os cartesianos tomassem partido do lado dos ingleses e ficassem com Newton e com Locke, o fundador do idea-

lismo alemão virou-se contra Descartes. Disse ter achado mais na Fisica de Aristoteles do que na de Descartes. Mais conhecida é a desavença entre Hegel, o maior filosofo sistemático de todos os tempos, e Schopenhauer. Resumindo em si todos os defeitos do intelectual, Schopenhauer sofria amargamente pelo sucesso dos outros. Fez-se a sombra de Hegel e o atacou por todos os lados. Para ele, o creador da "Phenomenologia do espirito" não passava de um "charlatão", de um "filosofo", de um "pedante". Comte e Spencer constituem tambem um outro caso. Comte já estava morto de ha muito, quando Spencer quiz negal-o como grande filosofo, á maneira dos que procuram afastar um competidor do seu caminho. Em "O mundo que nasce", além de outros livros, Keyserling cita Spengler com respeito varias vezes, apontando-o mesmo como uma das suas fontes doutrinarías. Pois bem, em "Figuras simbolicas", sua autobiografia, Keyserling ataca Spengler furiosamente, tachando-o de falso-profeta, de mecanicista, de dogmatico, etc. Ele, Keyserling, se tem pelo contrario de tudo isso... Não é sintomático? De certa feita, estavam Victor Hugo, Lamartine, Musset, Vigny e outros em casa do primeiro, quando alguém bateu á porta. Poucos minutos depois entrava o mordomo, na sala onde eles conversavam, com uma carta na mão. No envelope, estava escrito, sómente isto: "Ao maior poeta da França". E de vêr-se o embarço de todos, sem que nenhum dos quatro se atrevesse a recebela. Por fim, Lamartine entregou-a a V. Hugo, e confessou ter sido ele o autor da pilheria. Não podia haver maior test sobre a vaidade...

Não foi átõa que eu citei os nomes desses grandes intellectuais. Citei-os, porque eles representam alguns dos exemplares mais puros da tal classe de escritores. E se esses grandes espiritos foram vaidosissimos e viviam assombrados com os concorrentes, o que dizer então desses outros que não conseguiram nem sequer ir além da mediocridade? Já se foi o tempo — no bendito século XIX — em que Anatole France dizia que os homens de pensamento constituíam uma raça perigosa para os poderosos e que as idéas eram mais demolidoras contra as injustiças do que os bombas de dinamite. Se o intelectual sempre valeu pouco, agora não vale nada. Talvez nem exista mais. Ou melhor, nunca existiu. O intelectual vive a enganar toda gente que sabe, que é superior, quando na verdade não passa de um ignorante que leu alguns livros. O intelectual é um pobre engatado sem profissão, um desempregado, um fracassado na vida comum de todos os mortais. Só os fracassados dão para intelectual. Quem não fracassa, só é intelectual enquanto tem tempo de o ser. Se o Waterloo de Napoleão tivesse sido no principio da sua carreira, o seu nome estaria hoje incluído ao lado de Goethe ou de Kant...

Como consequência lógica do seu exibicionismo e do seu orgulho, o intelectual tem a mania da originalidade. Se um deles vence, se conseguiu parecer original, é logo imitado, forma salão, faz escola. Todos os outros pequenos intelectuais se congregam em torno dele, roçam-lhe o pelo como os gatos, deixam-se acariciar na cabeça, subordinam-se às coegas, reverenciam. Sentem-se protegidos, felizes, são os dandys das letras em forma dos pensamentos em linotipo. Mas a mania de originalidade não os deixa descansar. Andam de barba crescida, vestem ternos esquisitos, arranjam doenças misteriosas, tudo para surpreender, tudo para parecer originais. Fazem tanto barulho para surgir, para ser fixados, para ser lançados, que mais parecem "camelots" de porta de circo. Dostofewsky, um dos grandes dessa raça, já disse em O Idiota que não ha maior lisonja para o escritor do nosso tempo do que chama-lo de original. E para conseguilo vivem e morrem pelo elogio do companheiro.

Se recebem, retribuem. Porque sem grupo de elogios mútuos, de troca de artigos e referencias favoráveis, não é possível o intelectual. O intelectual precisa de grupo, de escola, de revista. Toda essa raça vive do mesmo modo: gosta da farra. Não é literatura. Estou falando sério. Não ha uma profissão de intelectual. O intelectual é um preguiçoso e um "bon vivant". Só escreve quando tem tempo e o que lhe convém. Não trabalha no que escreve, não se esforça, não se esgota, não su'a, não se cansa, não enlouquece. Nada disso. Espera que a idéa amadureça por si, não força a sua marcha, escreve como quem assobia: naturalmente. Basta dirigir a pena no papel, ela pensa por ele. Por isso é que existe tanto poeta, tanto ensaísta, tanto romancista e tão pouco erudito, filosofo, pensador. O intelectual chama de estudo, por exemplo, lê romances, poesias, ensaios, livros de filosofia, de critica e assim por diante. Lê confortavelmente afundado em cadeiras de estôfo, luz indireta sobre o livro, depois do jantar e bem envolvido por um pijama de seda ou de lã. Como é natural, o pijama varia com a estação do ano e com as posses do plumitivo. Denomina-se esta vidinha de tudo, menos de vida árdua e trabalhosa. É sport, diversão, passatempo, farra. Eu, que por ser um rabiscador de papel e leitor de livros, também me tenho na conta de intelectual, sinto profunda vergonha do que vivo fazendo. Principalmente, quando estou a sós comigo mesmo e começo a pensar nos traba-

lhadores, nos operarios, nos que morrem de fome, de frio, de dôr, de loucura. Como posso eu continuar calmamente me deliciando com romances, com poesias, com ensaios, numa supercultura inutil, quando ha outros que morrem na guerra, nas minas, nos hospitais? Por força, eu devo estar errado. Ou eu, ou o mundo! Mas alguma coisa está errada! Por isso, quando eu passo por algum operario anônimo e analfabeto, que trabalha oito horas por dia, ou quando eu vejo no cinema algum "film" sobre os trabalhadores nos campos de mate do Paraguay, nas minas do Alaska, nos seringais do Amazonas, eu me sinto profundamente envergonhado e com vontade de pedir-lhes desculpas e perdão. Tenho vontade de me esconder. E nós todos também não somos culpados dos mendigos que imploram nas esquinas, dos loucos que morrem nos hospícios, ou dos assassinos que soffrem nas prisões?

Talvez nesta altura esteja, algum intelectual masoquista e cioso do seu talento, querendo dizer que o homem mais inteligente e mais culto sofre mais também. Puro engano. Porque o sofrimento dele é somente intelectual, é metafísico, é arranjado. Foi ele mesmo quem o creou com a supercultura. Como Fausto, ele proprio é o culpado do seu desencanto e da sua desesperança. Mas esses casos são muito raros. Ao passo que o sofrimento do estomago vazio, da chaga aberta, de hemoptise pulmonar é de todos os instantes e de todos os humanos. O dia em que o intelectual tiver sofrido realmente, verdadeiramente humanamente, ele começará a ser digno do nome que leva. Basta que sejamos um pouco próbos e tenhamos a coragem de confessar que, na maioria das vezes, só escrevemos por vaidade, por emulação, por passatempo, por prosa. Em geral, o intelectual é o primeiro admirador de si proprio. Quem é pobre não escreve, trabalha. Quem é rico, se escreve, é por esporte. Ha até quem pague edições. Por isso, é profundamente triste ver como certas creaturinhas apregoam sabedoria e vivem orgulhosas do pouco que sabem, mas que eles julgam bastante. O unico papel do intelectual, pelo menos para sentir-se honesto, deve ser o de pedir e clamar pelos que soffrem. Por esses que embora não tenham sofrimentos espirituais, têm outros muito mais tragicos e sombrios, porque torturam e matam.